

# ALF. CASTRO

**CRUZ FILHO**

“Faz hoje um ano que os dedos irreverentes da morte cerraram para sempre os olhos de ALF. CASTRO, tirando-lhe, assim, o duro encargo de viver, consoante expressão por êle algumas vêzes empregada, e ainda nenhum crítico houve por bem fixar em tela duradoura o retrato literário do notável escritor que êle brilhantemente foi.

“Não serei eu, por certo, quem ouse atribuir-se essa tarefa, por isto mesmo que ela, sôbre exceder a minha apoucada competência crítica, requer elementos de que presentemente não disponho, como seja o conjunto da obra deixada pelo escritor, sobretudo da parte dessa obra composta no último período de sua vida, justamente na época do seu pleno amadurecimento mental. Só então teria assumido o escritor a sua feição definitiva, firmada em vasta cultura literária, seguro senso crítico e fino gôsto artístico que o furtam indiscutivelmente às chamadas leis da morte”.

Isto, escrevia eu há vinte e sete anos, numa fôlha avulsa de Fortaleza, com o intuito de comemorar a decorrência da data do passamento de ALF. CASTRO, ocorrido em 1º de abril de 1926. Entretanto, decorrido hoje muito mais dilatado lapso de tempo, continua em completa vigência a observação, em que pese ao indiscutível mérito literário com que se credenciou êle ao

nosso aprêço e admiração, na dupla qualidade de poeta e prosador da mais elevada categoria.

É que, em verdade, não temos crítica literária, no Brasil, pelo menos crítica literária no sentido preciso do termo. O nosso último escritor dedicado honestamente a êsse difícil gênero de literatura terá sido talvez José Veríssimo, falecido em 1916. De então a hoje, tal ofício baixou de nível entre nós, tendo-se pôsto, nos derradeiros tempos, passiva ou mercenariamente a serviço de nulos conventículos de escrivinhadores ou de espertos editores.

Uma ou outra exceção apontável, nesse domínio, não fará regra, tão rara e de pouca monta será.

Na província, então, o caso assume pior feição. A peca e atrasada crítica provinciana, em geral, sôbre não ter possibilidade de repercussão, é, por sua própria natureza, totalmente nula, dado o curto espírito de compadrio afetuoso que a anima. Reproduz, numa palavra, no seu estreito perímetro, os processos da moderna crítica nacional.

Não causa estranheza, portanto, que, já decorridos quase trinta anos da morte de ALF. CASTRO, não conheçamos nenhum juízo crítico de real pêso sôbre o grande escritor pernambucano que viveu, realizou a sua obra de maior vulto e morreu no Ceará. A página de Mário Linhares sôbre êle, incluída no livro *Poetas Esquecidos* (1938), é sômente uma evocação do nome do poeta de *Sonho em Sonho*, e não teve a pretensão de constituir juízo crítico da obra que êle nos deixou, em prosa e verso, esparsa em revistas e jornais da época em que viveu.

Como me julgo devedor dum preito de carinho, até agora só parcialmente levado a efeito, ao brilhante escritor olvidado, venho hoje, nesta reminiscência literária, dar cumprimento a tão grata obrigação.

Vale, assim o fazendo, trasladar para aqui o que sôbre êle escrevi algures, dando agora maior desenvolvimento àquela apreciação, graças à preciosa dádiva de boa parte dos originais

da obra literária de ALF. CASTRO, que acabo de receber das mãos munificentes da Exma. Sra. D. Cléa Barroso Engelke, cunhada do sempre lembrado poeta de *Sonho em Sonho*. Cumpro, neste lugar, o dever de dar público testemunho de gratidão àquela nobre Senhora, que, com tão valioso donativo, me fêz depositário dum espólio que tenho por autêntico tesouro, já do ponto de vista afetivo, já do ponto de vista do seu valor literário.

Não se queira ver, em todo caso, no que se segue, a impressão dum crítico de letras, mas tão sòmente a tentativa de reparação duma injustiça e singelo tributo à memória, para mim sempre viva e cara, de ALFREDO DE MIRANDA CASTRO, poeta e prosador dos mais opulentos e corretos dentre os que mais o foram, nos últimos tempos volvidos.

ALF. CASTRO é, de fato, sem possível discussão, figura de incontestável relêvo nas nossas letras, em que pese à ausência do seu nome nos manuais de história literária e antologias nacionais.

Recuado à exiguidade de obscuro meio provinciano, na segregação voluntária em que o mantinha o seu pudor de artista insatisfeito da obra que realizava, o preclaro escritor nortista viveu sempre solitário, entregue às solicitações de árduos encargos profissionais, na qualidade de Procurador da República, no Ceará, e um tanto alheado às preocupações da mesquinha vida mental da cidade em que residia. Entretanto, até nos áridos misteres de órgão da justiça federal, obrigado ao manuseio de autos e secos livros de praxes judiciárias, o artista nunca se eliminou ou anulou, por isto que costumava, à imitação de outro grande poeta, Raimundo Correia, revestir de certa beleza ática o prosaico ofício, com o imprimir discreto cunho artístico aos próprios arrazoados forenses, em que, não raro, as multifárias infrações às leis estabelecidas que lhe chegavam à alçada eram estudadas com surpreendente senso jurídico e assinalável acuidade psicológica.

Mas não é, está claro, por essa face que deverá ser encarada a personalidade do nosso ilustre escritor. Digo *nosso*, porque,

não obstante haver nascido na capital de Pernambuco, em 30 de novembro de 1873, como cearense pode e deve ser considerado, uma vez que foi no Ceará que a sua individualidade intelectual se firmou e se integrou na fisionomia definitiva. Isto não quer significar que possuísse êle, como escritor, qualquer feição regionalística.

Na qualidade de homem de letras, o seu belo talento oferecia vários aspectos por que possa ser encarado. Dentre êstes sobressai o do cronista e crítico literário, para cujas funções mostrou êle sempre eminentes dons, sem embargo de nunca se haver enfileirado profissionalmente entre os nossos críticos de letras. Tal atividade foi, antes, eventual digressão da sua pena, no que demonstrou segura e complexa cultura literária.

Nos relativamente poucos escritos que naqueles dois gêneros nos deixou, bem fixados se acham os excelentes dotes do seu espírito para ambos os ofícios, como sejam o critério estético e o bom gosto no julgamento, a isenção de ânimo, no discutir os fatos públicos, as obras literárias e os seus autores, a agudeza da observação e o senso de justa medida no analisar as obras de arte. Cumpre salientar ainda, neste balanço, a superioridade de vistas com que se houve no estudo de vários problemas literários e a correção meticulosa da sua linguagem, numa época em que quase todos os nossos escritores tinham a obsessão de escrever mal. Junte-se a isto, igualmente, a sua erudição, obtida no trato cotidiano dos grandes mestres da crítica literária, nomeadamente Sainte-Beuve, Taine, Lemaitre, Scherer, Faguet, Brunetière, Hennequin e Doumic, e estará esboçada alguma coisa da figura de ALF. CASTRO, neste particular. Di-lo-ão, com concisa eloquência, os estudos a que deu publicidade, em revistas e jornais do tempo, sôbre Guido de Maupassant, Edmundo Rostand, Augusto Gil, Emílio Faguet, Henrique Allorge, Catulo Mendès, Emílio Zola, Sílvio Romero, Aluísio Azevedo, Raimundo Correia, Machado de Assis, Emiliano Perneta, Laffayette Pereira, Paulo Kruger e Silva Jardim. Dí-lo-ão ainda as crônicas em que versou temas como o futuro do romance, o torrão natal, o pre-

conceito de raça na América do Norte, o verso livre simbolista e uma dezena de outras.

Em 1911, por ocasião do falecimento de Raimundo Correia, ocorrido na Europa, ALF. CASTRO, cá do seu esconderijo provinciano, emitiu o seguinte juízo a respeito do insigne poeta desaparecido:

“Raimundo Correia era um verdadeiro poeta. A sua poesia tem tudo para agradar, conquistar e impor-se; é animada de muito sentimento, vibrante de muita música e possuída de muita côr, já que sentimento, côr e música são os três elementos vitais de tôda obra poética.

“O poeta das *Alelúias* era uma perfeita e privilegiada organização de artista. Se nem sempre foi êsse artista impecável, é que a perfeição no verso é como a naturalidade na prosa: o último predicado que o escritor alcança. Mas na sua última coleção de poemas, nesse admirável livro das *Alelúias*, êle deu arras dessa perfeição que imortaliza. Os seus sonetos *Ixion*, *Sòzinha*, *Jessica* e *Banzo* são um testemunho indiscutível. Ainda há mais: essa perfeição êle conquista adaptando a matéria prima das suas concepções, das suas imagens, das suas emoções e impressões a uma forma encantadora, maravilhosa, que é sua, bem sua, exclusivamente sua. Não se pode imitar, tem-se fatalmente de cair no descrédito de a copiar.

“Com essa forma e com as concepções que nela põe é que o poeta sempre se me revelou marcado de muita originalidade, uma originalidade que o coloca em foco, dando-lhe um lugar à parte em a nossa literatura. *Banzo* é uma produção que bem pode assinalar essa originalidade; com uma plástica que se não aparenta com outra, enfeixa uma idéia poética que se não parece com outra, que nunca se viu. É para mim o soneto modelar e típico, em que, por tudo, está Raimundo Correia com a sua alma, com a sua visão, com o credo de eminente parnasiano que foi.

“Não posso fugir de notar que nas *Alelúias* é que êle se alçou à fastigiosa situação de poeta pensador. A abundância,

a justeza e o bom quilate do conceito são provas sobejas de um espírito que conta as coisas da vida, meditando.

“Raimundo Correia era o nosso primeiro parnasiano, talvez fôsse o nosso único parnasiano. Suas poesias, em grande parte, ressentem-se dessa impassibilidade que é a característica da escola”.

A respeito da individualidade literária de Sílvio Romero firmou ALF. CASTRO conceitos de surpreendente alcance e de relativa justeza, sem exceder a medida que preconizava, no difícil mister de criticar. Leia-se o seguinte trecho da página que escreveu sôbre o ilustre polígrafo brasileiro, por ocasião de seu falecimento:

“Nas letras nacionais, é Sílvio Romero, ao meu ver, o crítico representativo de todo êsse mau humor, apaixonamento e agressividade do homem, sentimento, caráter e conduta que êle transporta para a sua obra de escritor. Tôda ela revê azedume, rancor, ódio ao escritor com quem se desaveio ou que lhe não desperta simpatia. Sua pena, nessas ocasiões, embebia-se em fel para estudá-lo. Cada frase, cada sentença sabe a sangue, o sangue da vingança. Não corrige defeitos; acirra ódios. Não estuda; fere. Não critica; malsina. Só encontra imperfeições, e condena em absoluto o escritor. Se êsse revela qualidades de êxito, em vez de as exaltar, nega-as. Denigre, em lugar de louvar.

“O contrário também acontece: é um crítico que, em seus estudos, se inspira nos sentimentos de fraternidade e afeição, e a êles se escraviza. Julga, então, com o coração. A estima, a admiração do homem social entram nêle, como um elemento dominador, de poder tiranizante, para lhe ditar ao espírito de crítico conceitos de exaltação incondicional, louvores e preconícios extremos.

“Decorre dessa apreciação que êle não era, nem podia ser crítico que julgasse contra os seus gostos individuais, como exige, para triunfar, a crítica sisuda, enobrecedora, soberana, que é a

crítica objetiva, chamada dogmática. Faltava-lhe, assim, a primeira característica para figurar como crítico eminente”.

E acrescenta ainda:

“No domínio positivamente literário, o mérito de Sílvio Romero — e não é pequeno — como historiador da nossa literatura, sobreleva ao do crítico. Foi nesse departamento das letras patricias que êle se firmou escritor vigoroso e inteiriço, aparelhado de dotes de eleição, conquistando para logo, pela extensão e variedade da sua cultura, os louros da vitória. Pesquisador infatigável, da raça dos que se asfixiam sob a poeira dos arquivos, à procura dos documentos preciosos, dos papiros que façam rebrilhar ao sol a glória dos nossos antepassados, dispondo, a mais, para o seu objetivo, assimilado do que havia de mais apreciado entre os mestres congêneres na culta Europa, guiado por seguro senso de classificação e, por último, com uma compreensão muito exata e justa de tôda a matéria que deve entrar num quadro geral da exposição duma literatura, só se lhe abria, com êsses elementos, margem para dotar as letras brasileiras com um livro excelente e notável, que marcasse uma época no movimento das idéias, como êsse monumento que lhe saiu da pena experimentada com o nome de *História da Literatura Brasileira*”.

Do mesmo artigo sôbre Sílvio Romero vale trasladar para aqui um trecho referente a José Veríssimo, na qualidade de crítico literário, com cujos conceitos penso concordará sem divergência quantos se dão atualmente ao estudo das nossas letras:

“Em nossos dias, é o crítico perfeito que possuímos, o mais erudito, o mais imparcial, o mais arguto, o mais penetrante. Está no consenso dos seus pares, entre os quais avulta Oliveira Lima, o operoso historiôgrafo pernambucano. A sua obra crítica compõe um substancioso conjunto de princípios literários. É a única que está suficientemente corporizada e diferenciada em todos êsses volumes que o Brasil mental conhece e estima, consulta e admira. São os suculentos e primorosos livros *Estudos de Literatura Brasileira*, acrescidos dos que se intitulam *Homens e Coisas Estrangeiras*, onde a sua crítica mais se aprofunda e enobrece.

Em tôda essa sua excelente obra crítica, José Veríssimo revela-se nos um escritor privilegiado, que dispõe de todos os processos para triunfar. Tem, além disto, a sua concepção da crítica, da sua função, da sua natureza, do seu alcance. Poderá ser um crítico amargo, por vêzes, mas terá, a lhe atenuar a acrimônia com que trata autores e livros, a justificativa de estar educado na admiração dos monumentos literários estrangeiros, de que a produção literária entre nós é um pálido reflexo, como tem sentenciado. Por todos êsses títulos, é êle credor da nossa estima franca”.

Um tanto a contra gosto, continuarei a abusar de citações, recurso que se justifica, nos tempos fluentes, em que a crítica de compadrio, a que já fiz referência, tomou o lugar da verdadeira crítica, mais amiga dos leitores do que pròpriamente dos autores e das casas editoras. Assim, passo a transcrever igualmente um trecho da apreciação que emitiu ALF. CASTRO sôbre a obra de ficção de Aluízio Azevedo, na época do desaparecimento do nosso eminente romancista:

“Como, porém, em tôda produção literária de um escritor que se preza e merece com propriedade êsse luminoso título há de sempre a crítica exigir uma obra prima, não é contraditório nem desairoso afirmar que, na de Aluízio Azevedo, sagrado um dos mais primorosos romancistas, senão o mais encantador de todos os tempos da literatura brasileira, aparece essa obra prima. Embora com algum esforço de inteligência e um pouco de exercício de critério, descobre-se, por certo, que entre “*O Homem, O Cortiço, O Mulato, O Coruja e A Casa de Pensão*”, que constituem os livros da sua feição naturalista, com os quais se acreditou e fêz fortuna de escritor, essa obra prima fica sendo, para a satisfação do princípio da crítica, *A Casa de Pensão*.

“É, com efeito, nesse substancioso livro, o qual leva mais a vantagem da precedência sôbre alguns dos outros, que Aluízio Azevedo mais se aproxima da realidade. Feito com ambições de naturalismo, cujo máximo intuito é representar a vida tal qual é, em suas belezas como em suas torpezas, em suas virtudes como



em seus vícios, nos seus risos como nas suas lágrimas, enfim, no seu aspecto brilhante e puro, como na sua feição pútrida e asquerosa, *A Casa de Pensão* é bem a expressão de um trecho da sociedade, surpreendida em flagrante pela aguda e segura observação do romancista, é essa *tranche de vie* diante da qual o leitor, fazendo cotejo, só tem que julgar em favor da perfeita fidelidade com que foi copiada e pintada a vida, a ação, o drama entre os homens de um agregado. É uma solene afirmação do *documento humano* da invenção francesa.

“Acrescente-se a esta qualidade do romance o bem urldido da trama, a psicologia das personagens, a simplificação comovente da intriga, o comedimento da descrição, a sobriedade da decoração e, por fim, a perícia da composição literária, tão penosa de conquistar, e ter-se-á justificada a fama de ser o livro a obra prima do soberano escritor”.

Os trechos transcritos são suficientes, segundo me parece, para a exata exemplificação da *vis* crítica de ALF. CASTRO, à qual correntio, fluente e dúctil estilo, impressionante na sua limpidez e simplicidade, dá um tom relevante, que se ajusta às coisas e lhes corporifica maravilhosamente a expressão.

ALF. CASTRO foi, não há dúvida sobre isto, um dos nossos mais brilhantes escritores, dos mais sisudos e serenos, já na arte de escrever, já na precisão dos conceitos, já na agudeza com que apreendia os assuntos que caíam sob as suas vistas.

Estou convicto de que, valendo-me dos pequenos extratos transcritos, terei dado segura noção, no terreno da competência crítica, de tudo quanto expendi, na presente reminiscência literária, em honra do prezado escritor de quem ora me ocupo.

Falta-me — e faltar-á tudo — tratar do nobre e insigne poeta que êle altivamente foi.

No que respeita a Poesia, tinha ALF. CASTRO sobre ela o mais alto conceito. Disse êle, na conferência que pronunciou, em 1913, no *Clube dos Diários*, de Fortaleza, perante fino e luzido auditório:

“A lira do poeta! É, positivamente, o único bem que êle

possui. Se teve outros, dêles todos se desfez serenamente, talvez para comprar o luto de que se vestiu pela morte da mãe adorada, talvez para matar a própria fome! Mas lhe ficou a lira, a lira inconsumível, a lira imorredoura, inesquecível e sonora. Essa é dêle, como o patrimônio que o há de acompanhar, sombra da sua sombra, até exalar o último suspiro da tormentosa existência. É somente o que, deveras, êle tem. Maupassant, o encantador e inigualável romancista francês, tão exímio paisagista quão agudo analista da alma humana, com seu dom superior de superior psicólogo, encarnou, num dos seus mais comoventes romances, em "*Bel-Ami*, na personagem de Norberto de Varenne, o poeta pobre, solitário e sofredor, que só tem, como bem único, sua lira. Descia, alta noite, o poeta uma das ruas de Paris, na companhia de um amigo, com quem saíra de uma festa íntima.

"Aveludava o céu a luz de uma lua meiga e sonhadora. Caía a claridade, como um leite azulado, que escorresse da imensa ânfora do espaço, escancarada. De súbito, num ponto, o poeta parou e fêz parar o companheiro noturno, com quem perambulava. E começou, numa síntese, escandalosa de brevidade, a lhe contar a sua penosa vida, para terminar, sentenciosamente, com estas palavras incisivas, cortantes, como gume de navalhas: "Eu não tenho ninguém no mundo: não tenho nem pai, nem mãe, nem filha, nem irmão, nem espôsa, nem Deus". E levantando o olhar à lua evocativa, com a mão que apontava um ponto indeterminado do espaço, numa declamação sóbria e conveniente, mas convincente, rematou: *Eu só tenho a lira*". Calou-se.

"É o único bem do poeta, é verdade, mas é um bem infinitamente precioso, inexcivelmente opulento, porque é um bem que representa para êle uma riqueza abundante, inexaurível, invejável, que êle não trocaria, não emprestaria, não venderia, não daria nem lhe arrancariam das mãos. Sômente com a morte do poeta conseguiriam outros que essa riqueza não mais produzisse e se extinguísse; porque só assim conseguiriam que a sua amada lira não mais ressoasse nas noites enluaradas, ou ao lou-

ro sol da eterna primavera, sob os seus dedos febris, palpitando sob a sua ardente emoção, em cantos de amor.

“Não é outra coisa senão essa sua emoção a sua riqueza fabulosa, que guarda, avaro.

“Sob essa emoção, tudo passa nas cordas da sua lira, dessa lira que lhe resta do naufrágio dos bens na vida; tudo canta nela: sentimento e pensamento, situação do espírito, drama do coração, e são todos os seus risos e todos os seus prantos, o seu desconforto, a sua saudade, a sua ambição, a sua dor, a sua esperança, o seu entusiasmo, o seu abandono, a sua tristeza, a sua miséria, e a sua alegria, e a sua expansão, e o seu amor, enfim, o seu infindo sonho.”

Coerentemente com êstes conceitos, foi ALF. CASTRO grande e magnífico poeta, dos maiores de que se orgulha o Brasil.

Para compreendê-lo bem, nesta hora de decadência literária, faz-se mister que se proceda a rápido balanço do conjunto das idéias e tendências vigorantes na época em que se desenvolveu a sua atividade nas nossas letras, ou seja, de 1906, ano da publicação do seu livro de estréia, a 1926, ano da sua morte, aos 53 anos de idade.

Como poeta, ALF. CASTRO foi sempre um parnasiano, desde que se conceda a êste termo o sentido corrente de artista enamorado da forma literária. Faço esta restrição, no intuito de dar uma visão de conjunto da sua produção poética, uma vez que boa parte dela foi rigorosamente fundida em moldes hereditários, como brevemente será demonstrado. Tal posição, já soavelmente evidenciada na única coletânea de poesias que publicou, intitulada *De Sonho em Sonho* (1906), tomou, depois, mais vigoroso e mais nítido caráter, no qual não se pode deixar de perceber largamente a influência da arte escultural de José Maria de Heredia. Cumpre nos precisar mais acentuadamente o assêto.

ALF. CASTRO floresceu, em nossas letras, pôsto que um tanto serôdiamente, sob o signo do Parnasianismo francês, do qual

êle e Francisca Júlia da Silva foram, no Brasil, os maiores e mais legítimos corifeus.

O Parnasianismo, pondo-se de parte quaisquer vistas ou feições secundárias que acaso tenha tido na sua estética, derivadas, quiçá, do próprio temperamento individual de alguns dos seus setários, pode ser resumido nesta definição: foi uma reação contra o sentimentalismo romântico e a adoção duma forma mais plástica e mais perfeita na composição do verso. É inegável que são Leconte de Lisle e José Maria de Heredia, dentre todos os poetas francêses chamados parnasianos, aquêles que, com mais legitimidade, representam a intuição verdadeira, a intuição primitiva da escola. Os seus poemas — diz Lanson do primeiro citado — são uma história das religiões; celebram tôdas as formas que há tomado o sonho dum ideal no seio da humanidade, a concepção da vida universal, das suas causas e dos seus fins, caracterizando-se tudo por espantosa precisão... A personalidade do poeta não se afirma senão pela eleição da forma, forma bela e longa, impecável e precisa, ofuscante, às vêzes, à fôrça de brilho, dura também, à fôrça de firmeza. (1)

Seguindo as pegadas do mestre, cinzelou Heredia os brônzeos sonetos dos *Troféus*, em que a solidez das linhas arquitetônicas, a objetividade da inspiração poética, a ourivesaria dos ornatos em nada traem o coração e o sentimento do poeta. É uma arte escultural, fria, sóbria, que só tem por fim ser bela.

Bem ponderada é, neste assunto, a observação de José Veríssimo, quando assevera que, na própria França, a denominação de Parnasianismo é arbitrária, porquanto não houve propriamente, ali, escola parnasiana, a não ser que se considere como tal o trabalho externo do labor do verso, uma vez que somente Heredia teve alguma analogia com Leconte de Lisle, por isso mesmo que os poetas reunidos em tórno dêle e colaborado-

---

(1) G. Lanson, *Histoire de la Littérature Française*

res da revista *Parnasse Contemporain*, da qual lhes veio a alcu-  
nha, seguiram todos os seus pendores naturais. (2)

O Parnasianismo que se transportou ao Brasil, por seu turno, fugiu igualmente à tradição de impessoalidade do francês. Aqui, sob outro céu e em outro meio, entregue a poetas de mediana cultura e solicitados por inata tendência lírica, originária do próprio temperamento sentimental e lascivo que caracteriza tradicionalmente a nossa poesia, a estética fria do chamado Parnaso sofreu sensibílissima refração. É verdade que o nosso verso adquiriu maior vigor, se exprimiu melhor e mais conscientemente, se tornou mais belo, mais ágil, mais conciso e mais elegante, nesse seu estágio no chamado Parnasianismo. A influência da nova estética foi, todavia, mais superficial do que profunda, visto que o nosso sentimentalismo idiosincrásico não abdicou jamais das suas prerrogativas.

Contudo, um tanto alheado a essa preocupação dos seus pares, no tocante à aclimação do espírito parnasiano entre nós, temperando o com a irreprimível efusão subjetiva da raça, ALF. CASTRO, sobretudo depois da publicação do seu livro de estréia, tornou-se cada vez mais fiel ao *canon* dos dois mestres franceses, Leconte e Heredia, por êle lidos e amados na madureza do espírito e da arte do nosso excelente poeta. A cinzeladura da sua estrofe, fazia-a com requintado zêlo, a métrica era da excepcional rigor, os ritmos, cuidados com extrema paciência e excessiva meticulosidade. No último período de sua atividade poética, chegou ao extremo de não mais compor versos senão em metros alexandrinos; aboliu, igualmente, das suas composições, os versos agudos, de que, aliás, fizera parquíssimo uso, no seu livro de estréia, e praticou, com inexcedível êxito, os ritmos ternários franceses, criteriosamente alternados com os clássicos. Os temas da predileção do nosso poeta são, não raro, da natureza daqueles que seduziram os dois citados mestres parnasianos.

---

(2) J. Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*.

ALF. CASTRO ama, como êles, as civilizações mortas, o encanto evocativo dos velhos mitos, a nudez radiosa das deusas, os deuses adolescentes, os panoramas evanescidos da Grécia, os seus cenários e as suas ruínas. O artista tem a nostalgia indefinida do sonho, do que já foi, ou nunca existiu. O passado fascina-o, como a miragem tentadora do Nirvana.

E êsse misoneísmo gracioso não o apouca. Ao reverso, de lata que, além daquela encantadora megalomania, por êle próprio notada (3), que acomete os poetas, forçando-os a enumerar os seus cabedais e tesouros imaginários, os seus faustos e as suas grandezas, têm êles ainda o prestigioso condão de “desatualizar-se”, de refugir às contingências da vida presente, correndo, como crianças fascinadas, para um quimérico passado cheio de encantamentos, certo, jamais existente, para nêle gozarem a delícia dum ideal cuja conquista lhe é defesa no mundo contemporâneo.

, Na bela coleção de poemas por êle deixada no seu espólio literário, que neste momento manuseio, a qual desejava êle publicar com o título de *Vesperália*, o nosso inesquecível poeta desfere o vôo numa região serena, donde o seu espírito esparge, a mãos cheias, belezas copiosas, com a renovação de velhos temas e suscitação de temas novos, no entrecho dos quais perprassa, de quando em quando, doce e fugidia figura de mulher. . .

Nessa poesia inteiriça, hierática, na forma, e clássica, na linguagem, revê-se o cinzelador que foi êle de frases sonoras e perfeitas, sempre apaixonado da Beleza e incontentado sempre, no seu sacerdócio estético — sorte de Cláudio Lentier zolaico a torturar-se na obsessão artística, diante do esbôço informe da obra atormentadora. Dimana dela, dessa poesia cinzelada, branda e inalterável luz, que doura as diáfanas arestas do palácio ideal, que é esse livro suntuoso, fazendo-o irradiar mágicamente, na sua serena arquitetura espiritual, em que intáteis frisos

---

(3) Alf. Castro, *O Poeta e a Poesia*, págs. 28 e seg.

coríntios exibem as figuras místicas do sonho e em que a filigrana, o arabesco, o capricho de Paganini, em mármore, o anseio humano, em pedra, o desejo insaciável, em colunas intangíveis, escapando-se para o alto, a dor dantesca, no gesto cruciado da caríatide, interpretam e simbolizam a vida.

A arte e a perícia com que traduziu ALF. CASTRO uma dezena de sonetos de Heredia e outros de Rollinat e Richepin estão a denunciar o seu longo trato com a poesia francesa, bem assim a sua invejável faculdade de assimilação e a maravilhosa flexibilidade da sua palavra poética.

Ninguém, tanto quanto êle, atingiu, no Brasil, a perfeição na pura arte parnasiana, no sentido francês desta expressão. Colocá-lo distintamente no mesmo plano dos grandes poetas nacionais da mesma época, fazendo o depor, pela voz da sua obra poética, sobre o valor da cooperação do Norte na história literária do Brasil, é dever imperioso da nossa crítica.

É, aqui, lugar próprio para exemplificação dos conceitos acima expandidos, mediante a transcrição de alguns dos seus belos poemas, todos capazes de rivalizarem com os que melhor o forem, na poesia brasileira do seu tempo:

### ETERNO RITMO

Tudo o que tem no mundo uma alma ardente e clara  
Fica, ao menos durante um momento, em repouso.  
Pára a alegre canção dos ceifeiros na seara,  
Pára a desfolha, ao vir do verão luminoso.

A ave pára o gorgelo, ao recolher-se ao pouso,  
Pára o rio no mar, que as fauces escancara  
Para tragá-lo. O mar, bravio e rumoroso,  
Pára, desde que o vento em sua fúria pára.

Pára a nuvem no céu. Pára o fogo na terra,  
O sol, quando em seu leito, extenuado, se lança,  
Pára, no fim da tarde, ao transmontar a serra.

Só não pára um momento, em sua insana lida,  
O coração. Sòmente o coração não cansa  
De marcar dia e noite a cadência da vida!

## A ESFINGE

Talhada pelas mãos de um obreiro potente,  
Na serena algidez do rígido granito,  
A gigantesca esfinge em seu soco se sente  
Solitária, no fim do deserto do Egito.

Agachada, com as mãos tendidas para a frente,  
Tem um ar de quem sonha o estranho monolito,  
E erguendo o colo e a fronte, a figura imponente  
Ante o infinito areal, olha o céu infinito.

Olha o céu, sem cessar. À luz do sol, na treva  
Da noite, sempre atenta, em acuidade extrema,  
O seu olhar ao alto a esfinge enorme eleva.

Ela quer ver no céu alguma coisa, alguma  
Expressão que resolva um confuso problema  
Que persiste em ficar sem solução nenhuma.

## A ESTÁTUA DE SILENO

Longo tempo no parque, entre a alegre verdura,  
As carícias do sol, na luz fina e fagueira,  
Sileno, o velho deus, guardara a compostura,  
Firme na sua estátua, enramado em videira.



Mas um dia se espalma a asa pesada e escura  
Da borrasca. Do céu vela-se a face inteira.  
E um raio que desceu busca o parque, procura  
A estátua e lança em terra o deus da bebedeira.

Ao tombar destronada, a figura grotesca,  
Num acaso feliz, ficou mesmo com a cara  
Encostada na relva umedecida e fresca.

Quem depois transitou por aquêlo caminho  
Certamente pensou que o deus melhor ficara  
Estendido no chão, para curtir seu vinho.

## POMO DE ASFALTITE

Pobre de ti! Jamais o cobiçado fruto  
Has de, alegre, colher no galho que balança:  
Alta é a fronde que o tem, veludoso e impoluto,  
E és pequeno demais. Tua mão não o alcança!

Não podêres crescer e avultar num minuto  
Para tirá-lo! Em vão, que a viridente frança  
Há de crescer também e — ó desespero e luto!  
Há de o pomo fugir à tua mão que avança.

Mas pudesses colhê-lo... Em breve, quando fosses  
Mordê-lo, em tua bôca ansiosa, que o reclama,  
Prelibando o sabor dos seus gomos tão doces,

Esse fruto, de pele em sangue e ouro embebida,  
Desfazendo-se em fel, desfazendo-se em lama,  
Havia de amargar por tôda a tua vida!

## A DANÇA DOS SETE VÉUS

O tetrarca pediu, disfarçando, de leve  
Um desejo, com voz, de enternecida, rouca,  
Que Salomé, movendo o corpo airoso e breve,  
Dançasse. Estava triste, e era a graça bem pouca.

Envolta em sete véus alvíssimos, de neve,  
Ela, a judia, pôe-se a dançar, como louca...  
E, a cada evolução que o seu corpo descreve,  
Como uma estranha flor, dos seus véus se destouca.

Em menelos gentis, a princesa, que gira,  
Tira o primeiro véu, tira o segundo, tira  
O terceiro, e outro mais, e mais outro, e outro ainda.

Quando o véu derradeiro ela, afinal, arranca,  
Estaca. Aos olhos reais, Salomé, na mais franca  
Nudez mostra-se, então, provocadora e linda.

## CENA MARINHA

Nadando, acaso, sôbre a emaranhada tela  
Das algas, dos corais, dos pólipos gigantes,  
Um tritão encontrou uma jóvem sereia  
Divagando, a cismar cismas de almas amantes.

Logo, o monstro marinho, inflamando-se, anseia  
Por abraçá-la e tê-la. Ela o sente. Mas, antes  
Desejando morrer, foge do monstro, cheia  
Do mais justo pavor dos seus olhos chispantes.

Sobe. Apressa-se mais. Chega por fim à tona  
Das águas. O tritão chega também. Desata  
Em pós dela, a correr, mais e mais a ambiciona.

E, na porfia, os dois, em disparada, às sóltas,  
Voam. Na flor do mar há fulgores de prata  
E um continuo chofrar de águas e águas revôltas.

## A TENDA DE NAZARÉ

De Heredia

O mestre carpinteiro um bufête deseja  
Pronto, e desde a manhã sôbre o banco se afana.  
Ora maneja a lina, ora a raspa, na insana  
Canseira, ora o formão, ora a plaina maneja.

Também, de tarde, viu, com alegria sobeja,  
Do plátano chegar à porta da cabana  
A sombra, a que se vão sentar a mãe, Santa Ana,  
E a espôsa com Jesus, para que perto os veja.

Nem uma fôlha treme; o ar abrasa, pesado;  
A goiva São José deixa cair, cansado, ,  
E limpa no avental o suor que a testa ensopa.

Mas o Aprendiz divino, em halo circundante,  
Da tenda a um canto, faz voar, de instante a instante,  
Belas aparas de ouro, ao gume da gariopa.

## PESADELO DE ASCETA

De Rollinat

A serpente se ergueu sôbre a minha alparcata,  
Fascinou-me, calu sôbre mim, num momento.  
E em tórno do pescoço, em brusco movimento,  
Enroscou-se, formando ondulosa gravata.

Depois desenrolou seus anéis, lento e lento,  
E, prêsa do retil de testa larga e chata,  
Meu corpo, então, sentiu, numa bruma escarlata,  
A frieza glacial de um mole enlaçamento.

De repente, o animal, com os olhos d'água cheios,  
Tomou bôca, e tomou cabelos, membros, selos,  
Cerrando mais os nós, com ar apaixonado.

— “Tua forma — exclamei — de serpente recobra:  
Prefiro, se é mister que morra envenenado,  
A um beijo de mulher cem picadas de cobra!”

Consta o espólio literário deixado por ALF. CASTRO do livro *De Sonho em Sonho* e da conferência intitulada *O Poeta e a Poesia*, ambos publicados em vida do autor, como ficou dito. Além destes trabalhos de assinalado mérito, cada um no seu gênero, legou-nos êle o feixe de poemas que deveria constituir o volume de *Vesperália*, poesias compostas na madureza do espírito do autor, a coleção de críticas e crônicas literárias que pretendia enfeixar também em volume, conforme indicação por êle próprio deixada, e alguns contos, publicados, como, em parte, as produções das duas coletâneas, em revistas e jornais de Fortaleza. Tirante isto, e mais um trabalho, *O Gênio Brasileiro*, que não foi encontrado no seu arquivo, nada mais resta, penso eu, da fulgurante mentalidade que tanta luz irradiou, no relativamente curto percurso do seu zodíaco vital.

Dezembro, 1954